

**COM CERTEZA TENHO AMOR: A LITERATURA MÍTICA E MARAVILHOSA
COMO DESCOBERTA DE NÓS MESMOS**

Raphaela Magalhães Portella HENRIQUES¹

Entre as vozes que circundam a literatura contemporânea, encontra-se a de Marina Colasanti. A escritora, que oscila sua produção entre contos de fadas, microcontos e poesias, tece sua linguagem de forma sofisticada e poética. Seus textos são alegóricos, possuem um simbolismo carregando uma rede de sentidos ocultos.

Em *Com certeza tenho amor*, publicado em 2009, temos onze narrativas, todas em terceira pessoa, e que exploram diversos temas: os jogos de poder, a dominação forte *versus* fraco e a condição feminina, tema que acompanha sua carreira em longa data. Os contos desta obra trazem à luz características inerentes dos contos maravilhosos, da literatura bíblica e da mitologia. Dos onze contos, podemos destacar quatro que fazem alusão à condição feminina. Em "São os cabelos das mulheres", Marina faz interdiscursividade com a história bíblica de Sansão, que possui a força nos cabelos, do mesmo modo que as mulheres da trama, que têm seus cabelos cortados pelos homens da aldeia, como uma forma de retirar-lhes o poder, visto que seus cabelos representavam a germinação da terra. Em "Com certeza tenho amor" – texto que nomeia o livro –, a mulher aparece como uma figura dominada, impedida de viver um grande amor pelo preconceito de seu pai, que não aceitava o seu amado pela sua profissão (saltimbanco); nesse texto percebemos uma interdiscursividade com o texto de Rapunzel, no momento em que o amado da personagem, com a ajuda de seus amigos, formam uma espécie de escada humana para que o mesmo possa chegar à janela da moça e namorá-la. No texto de Colasanti, essa escada humana representa as tranças de Rapunzel, como percebemos em "E, um por cima do outro, foram se construindo como uma torre. Até que o último chegou ao topo. [...]" (p.43). O texto "Rosas na cabeceira" já apresenta uma narrativa com desfecho em aberto, que evidencia a mulher presa à tradição e aos costumes da sociedade. Em "Quem me deu foi a manhã", há uma forte relação com a Inquisição. A personagem condenada à incineração por possuir uma salamandra (animal mitológico reconhecido por sua proeza em conseguir livrar-se do

¹ Graduada em Letras pela FABAN/Ribeirão Preto. Email: raphaela-henriques@ig.com.br

fogo), é considerada feiticeira e salva-se das chamas graças ao animal. Percebe-se, aqui, o enfoque da narrativa na atmosfera mítica.

Deixando a figura feminina, os demais textos resgatam o ambiente medieval, trazendo como temática o cotidiano da nobreza – reis guerreiros, couraça e batalhas ganham peso –, e a figura do rei está sempre ligada ao poder desenfreado, à opressão e ao dandismo. Em “A morte e o rei”, a Morte, alegorizada, vem ao encontro do rei, que tentava não sucumbir ao seu desejo de levá-lo, manifestando assim seu poder diante da inexorabilidade da mesma. O conto “Na sua justa medida” elenca o tema do egoísmo, em que um rei, por estar decadente e não possuir tanto dinheiro, constroi um castelo em miniatura, inabitável para alguém com estatura normal, mas que satisfaz seu desejo e seu egocentrismo. Em “Entre eles, água e mágoa”, a figura do rei aparece novamente como opressora e tirana. Percebe-se que Marina cria personagens megalomaniacos para definir a figura do rei.

Em “Como cantam as pedras”, temos um conto que se encontra isolado no livro quanto à temática: a figura do guerreiro solitário, que termina seus dias refugiados na natureza – natureza que no texto é personificada, harmonizando uma ideia panteísta, em que o homem confunde-se com o meio natural.

Nos contos, “A cidade dos cinco ciprestes” e “Na neve, os caçadores”, Marina imprime nos textos uma visão acerca do homem contemporâneo, um homem que coloca seus desejos pessoais, seus interesses em primeiro lugar, em detrimento dos desejos alheios. “A cidade dos cinco ciprestes” traz em sua trama a história de um homem que abandona sua vida em troca de perseguir um tesouro e enriquecer. Em “Na neve, os caçadores”, o caçador, protagonista da história, mata uma raposa-macho e a leva para sua casa, deixando a fêmea na floresta por estar prenha. Com o passar dos dias, sai novamente para caçar e se depara com uma mulher ruiva (personagem que alegoriza a raposa prenha), que lhe dá água e o deixa entrar em sua casa. No momento que o caçador entra, a mulher (raposa) o mata, e seus seis filhos o comem na mesa como um banquete, representando, assim, os filhotes da raposa. Essa vingança por parte da raposa revela um basta para as atitudes do homem que invade e destrói a vida alheia.

Notamos nitidamente que Marina Colasanti parece atribuir uma funcionalidade social em seus textos. Os contos de *Com certeza tenho amor* reavaliam os papéis do

homem e da mulher na vida em sociedade e os conflitos típicos da sociedade contemporânea. Por meio de figuras míticas, alegorias e o mundo do maravilhoso nos elevamos a viagens diversas que desafiam a nossa imaginação e atuam na nossa percepção. Essa viagem a qual o leitor está convidado é diacrônica, traçando um diálogo que atualiza, para o mundo presente, criações antigas. Marina afirma que para escrever contos maravilhosos é necessário fazer um exercício de introspecção, mergulhar na atmosfera do mágico, sem nenhuma interferência do mundo real. *Com certeza tenho amor* foi ilustrado pela própria autora, ressaltando que além de uma exímia dominância com as palavras, a escritora possui dominância com as artes em geral, sendo um dos nomes mais importantes da literatura contemporânea.

REFERÊNCIAS

COLASANTI, Marina. **Com certeza tenho amor**. São Paulo: Global, 2009.